

PALECO

JUIZ DE FORA, AGOSTO. 2014. ANO VI. Nº 41

VERBO & COR POÉTICA URBANA

Criar um diálogo entre passado e presente. Entre arte, literatura e história. É isso que está presente no MAMM desde o dia 6 de agosto. A segunda edição da exposição *Juiz de Fora Verbo e Cor* traz como tema a Juiz de Fora do século XX até a atualidade, com foco na transformação urbana. “Começa no início do século, com o prédio da antiga Prefeitura, de 1918, e passa pelo incêndio do antigo Clube Juiz de Fora, a demolição da Capela do Stella Matutina e retirada dos bondes, mostrando que o despertar para a preservação foi tardio em Juiz de Fora”, explica o idealizador do projeto, o Pró-reitor de Cultura da UFJF, Gerson Guedes. Diferentemente da primeira edição, a atual reúne também fotografias, que agora ocupam um espaço antes exclusivo da pintura.

A exposição reúne trabalhos de 13 artistas locais, entre pintores e fotógrafos. O pintor Pedro Guedes traz

da Mercedes Benz, que foi de grande destaque no cenário econômico da cidade. “Eu estava andando, e eles tinham acabado concluir a instalação. São oito carcaças de Classe A penduradas num prédio de uns 15 andares, estáticas, e com cores bem artísticas, o que virou uma obra de arte!”

Com sua fotomontagem *Ave Cristo*, parte de uma série de mesmo tema, a artista plástica Valéria Faria se propõe a abordar as diferentes crenças religiosas do juiz-forano, mesclando de imagens católicas a elementos umbandistas. “A partir das fotografias realizadas, elaborei uma série de montagens incorporando novos elementos à força poética das imagens de culto e devoção popular. Foram incorporados seres híbridos, fantásticos e elementos variados que interagem entre si, em confrontos de sentidos diversos”, explica a artista.



Pedro Guedes. Reminiscência. 80 x 100cm (detalhe).

para *Verbo e Cor* seu quadro *Reminiscência*. De inspiração surrealista, a obra contrasta o painel *As quatro estações*, de Portinari, com o Edifício Clube Juiz de Fora antes do incêndio que destruiu o antigo imóvel. “Eu quero que as pessoas tenham a sensação de que os azulejos estão mostrando o passado para elas, saindo da tela numa ilusão de ótica”, explica o artista.

O fotógrafo Humberto Nicoline participa do projeto com *Praça da Estação*, que, para ele, é a praça mais importante da cidade em termos históricos e arquitetônicos, além de econômicos, por ter sido a porta de entrada do desenvolvimento industrial de Juiz de Fora, na época intitulada Manchester Mineira. “A necessidade de conservação, revitalização ou reforma desta importante praça deveria ser constante, e a sua total reabilitação deveria ser o principal objetivo de autoridades e da sociedade civil. Esta foto é do principal ícone da praça, a Torre do Relógio da Estação Ferroviária, construída em 1906.”

Quem também expõe em *Juiz de Fora Verbo e Cor* é o pintor Henrique Lott, autor de *Entre Tecidos*, que representa a grande importância que teve na cidade a fábrica têxtil Bernardo Mascarenhas. O artista, em seu trabalho, deixa transparecer para o público todo o percurso de sua realização: “Eu tento fazer com que o espectador participe de alguma maneira do meu processo de criação. Geralmente, deixo destacados os sinais e marcas dos primeiros traços que realizo”. Lott acredita que *Verbo e Cor* tem papel social marcante: “Promover exposições como esta, que reúne obras que foram produzidas no âmbito cultural de nossa cidade, cumpre um importante papel no sentido de fazer perseverar o interesse pela produção artística local, além de possibilitar ao grande público um contato direto e dinâmico com nossa arte”.

Mobile A Class, fotografia de Aelson Amaral, busca causar incômodo e questionamento por sua angulação nada convencional. A foto foi tirada em 1999 na fábrica

Pioneiro no cinejornalismo de Juiz de Fora, João Carriço tem seu lugar na exposição na obra do artista plástico Afonso Rodrigues, *Carriço a 24 quadros*. Também apaixonado pela arte do cinema, Rodrigues tem em seu trabalho uma espécie de identificação “Escolhi essa imagem porque tem função dupla, ele [João Carriço] era documentarista, diretor de cinema e artista plástico. A partir disso, elaborei meu trabalho. Eu reproduzi essa imagem 24 vezes e interfeiri aleatoriamente nelas: é a imagem do cinema analógico – 24 quadros por segundo – e cruzei informações do cinema e das artes plásticas”. Para ele, traduzir Juiz de Fora por via da arte é inevitável a qualquer artista local: “Arte é tradução de vida e de modo de vida, então os artistas sempre retrataram o local em que vivem”. Ele garante: “A primeira edição da exposição foi um sucesso. A segunda não vai ser diferente e vai cumprir seu papel com tranquilidade”.

Juiz de Fora Verbo & Cor apresenta ainda obras dos fotógrafos Márcio Brigatto, Roberto Dornellas e Paulo Bracher, bem como dos artistas plásticos Paulo Alvarez, Regyna Tortoriello, M. Gabi e Iriê Salomão.

Como na primeira edição, a atual será alvo de um trabalho educativo. Para o Pró-reitor Gerson Guedes, “não adianta fazer cultura com dinheiro público para meia dúzia. A gente tem que achar meios de levar nosso pensamento cultural ao maior número de pessoas possível. Acessibilidade, compartilhamento e democratização do espaço da Universidade”. Para tanto, o Pró-reitor aposta no projeto *Coletivo Cultural*, criado pela Pró-reitoria de Cultura, que levará jovens estudantes até o MAMM para visita à mostra, pois acredita que são os mais novos que têm mais necessidade de saber sobre o passado. “A exposição é para fazer o jovem refletir sobre o que vê. Mostrar algo pronto não é atrativo. Ele vai procurar no texto alguma coisa que faça ligação com o que ele está percebendo e, para isso, eu tentei variar os artistas da melhor maneira possível”.

Raira Garcia

NESTA EDIÇÃO

ACERVO RARO
OS LIVROS DO POETA

MEDICINA E ARTE
HUMANIZAÇÃO DA
SAÚDE

CULTURA NA UFJF
PAPEL TRANSFORMADOR

COLEÇÃO MURILO
MENDES
O VALOR DE UM LEGADO





ACERVO RARO A BIBLIOTECA DE MURILO

Existe na Universidade Federal de Juiz de Fora um espaço privilegiado que abriga uma coleção de livros muito especial – a biblioteca do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), guardiã do acervo particular de livros do poeta juiz-forano Murilo Mendes e de alguns outros acervos de importância para a vida cultural da cidade. Um local destinado ao estudo e à pesquisa sobre a vida e a obra de Murilo Mendes e demais áreas de interação com esta interface literária e artística.

O acervo Murilo Mendes não é muito vasto, mas nele estão representados todos os campos de interesse daquele que foi seu proprietário. E, nesses campos, há livros que chamam a atenção de modo especial, como um belo conjunto de livros sobre Mozart que expressa o gosto do escritor e suas preferências como leitor.

Além do acervo Murilo Mendes, outros foram incorporados à Biblioteca, como é o caso dos acervos de João Guimarães Vieira (Guima), Arthur Arcuri, Gilberto e Cosette de Alencar e Cleonice Rainho.

Há mais de quatro séculos, os livros vêm testemunhando a evolução científica, social, cultural e literária da humanidade, e muitos deles, especialmente por sua importância histórica, tornaram-se obras raras ou preciosas. E o que é livro raro? Trata-se de uma questão difícil de responder, pois a resposta envolve fatores e circunstâncias subjetivos, mas pode-se dizer que obras raras são aqueles livros de que se conhece reduzido número de exemplares e que, além do valor de seu conteúdo (científico, social, cultural), apresentam outras características que os tornam objeto do desejo de outras bibliotecas ou colecionadores. Sob esse aspecto, o acervo Murilo Mendes pode ser considerado um acervo raro.

Entre os livros que compõem este acervo, há um grande número que contém dedicatórias de escritores estrangeiros e brasileiros para o

poeta. Dedicatórias de Jorge de Lima, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Mário de Andrade e outros. Destacamos aqui registros destes dois últimos: “A Murilo Mendes, lembrança amiga de Mário de Andrade. São Paulo, 1941” (in ANDRADE, Mário de. *Poemas*. São Paulo: Livraria Martins, 1941) e “Ao Murilo, com a velha amizade e admiração do Vinícius. Rio, Agosto de 1938” (in MORAES, Vinícius. *Novos poemas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938).

Mas, talvez, o que mais chame a atenção nos livros desta biblioteca sejam as marcas neles deixadas pelo poeta. Na maioria dos livros, frequentemente se encontram trechos assinalados por ele nas margens. Em suas anotações, quase sempre feitas a lápis, Murilo Mendes anotava números de páginas e uma breve indicação do que chamava sua atenção, compondo uma espécie de “índice remissivo” para seu uso. Há também listas de palavras, formando algo como um vocabulário próprio. Chama também a atenção o conjunto de várias edições de livros de Camões, todas marcadas e anotadas por Murilo Mendes. Na edição portuguesa de *Os Lusíadas*, à página 324, na estrofe 103, Murilo Mendes coloca uma interrogação no oitavo verso, logo abaixo acrescida de uma legenda: “não é decassílabo”. Ao final do livro, encontra-se a anotação “324 - errado”, em referência ao erro encontrado pelo poeta na metrificacão do referido verso.

Na biblioteca, de um modo geral, existem excelentes livros sobre artes plásticas e, claro, sobre a área em que o poeta juiz-forano foi reconhecido nacional e internacionalmente, que é a literatura. Vale muito a pena conferir!

Maria Helena Sleutjes – escritora;

Lucilha Magalhães – historiadora; Bruno Defilippo Horta – professor

MEDICINA E ARTE SAÚDE E HUMANIZAÇÃO

Iniciativa de alunos da Faculdade de Medicina da UFJF, o projeto *Medicina e Arte*, realizado no MAMM, já tem dois anos de atividades. São sessões de cinema e discussões mensais que buscam a sensibilização e a humanização da saúde com o objetivo de trabalhar o lado humano do profissional da área. O projeto é coordenado por alunos de medicina. «Tive a ideia depois de voltar de um congresso, onde foi muito debatida a humanização na saúde», comenta Priscila Gasparetto, uma das coordenadoras e idealizadora do projeto, junto com Marcelo Sobrinho, ex-aluno de Medicina da UFJF.

O projeto conta com docentes orientadores. Um deles é Rodolfo Valverde, professor no Curso de Música, que foi também docente da Faculdade de Medicina por 12 anos. «O curso geralmente ensina a parte mais técnica. O *Medicina e Arte* vem para sensibilizar o médico ou aluno, que, por muitas vezes, perde esse lado», explica Rodolfo. O médico, que também é músico, afirma que é necessário para a profissão ter momentos de contato com a arte. «Conheço muitos médicos que também são artistas. Acho que uma coisa completa a outra». Para Valverde, a arte vem para «quebrar a dureza» da profissão, de seu ambiente muitas vezes triste e pesado.

Hoje, o projeto tem como coordenadores os alunos Thiago Silva, Marjory Sayuri Braga, Vinícius Campestrini, Ana Paula Fernandes Braga e Priscilla Gasparetto, num total de 18 membros que desenvolvem também atividades para a terceira idade da casa de repouso Vila Viver, de Juiz de Fora. Paralelamente, também são desenvolvidos projetos de pesquisa a fim de consolidar e disseminar a ideia do projeto para outros núcleos acadêmicos e a população em geral.

As escolhas dos filmes a serem exibidos, as temáticas dos debates e os projetos são gerenciados pelos alunos. Já foram exibidos os filmes *Cisne negro*, *Réquiem para um sonho*, *O homem elefante*, *O escafandro e a borboleta*, *Os Intocáveis*, *Não me abandone jamais*, *Amor, Melan-*

lia, *Biutiful* e *Inquietos*, entre outros com temas relacionados à medicina como pano de fundo. As discussões ao final da exibição são ministradas por um profissional da área, que inicia as reflexões sobre o tema abordado, como depressão, morte, aborto, cuidados paliativos, etc.

Um bom exemplo é *Os Intocáveis*, longa francês que narra a história de um tetraplégico e seu cuidador. “As exibições são nosso ponto de partida para discutirmos, sobre um outro ângulo, problemas ou pautas relacionadas à medicina», explica Priscila.

A próxima edição do *Medicina e Arte* no dia 27 de agosto, será uma sessão, com posterior discussão de casos, do clássico *Tempo de Despertar*, baseado na obra de Oliver Sacks, em que Malcolm Sayer (Robin Williams), um neurologista, inicia trabalhos em um hospital do Bronx e observa pacientes crônicos que portam a “doença do sono”. O profissional, sensibilizado pela condição que observa e fascinado por estudos biológicos em pesquisa, inicia o uso de L-dopa, que altera significativamente a vida desses pacientes. Após a exibição, o professor e neurologista Leandro Cruz discutirá com os participantes as questões levantadas pelo filme.



Rômulo Rosa



CULTURA NA UFJF OITO ANOS DE PROTAGONISMO

O protagonismo assumido pela cultura na estrutura da Universidade Federal de Juiz de Fora, com a criação da Pró-reitoria de Cultura, em 2006, e sua equiparação às esferas da educação, da pesquisa e da extensão, significou o reconhecimento, por parte do reitor Henrique Duque de Miranda Chaves, de seu papel transformador, como ferramenta aliada do desenvolvimento humano, e de seu caráter agregador, capaz de redimensionar o diálogo com o meio em que a academia se insere.

Esse fortalecimento da cultura no plano institucional se impune, por um lado, pela expressão e relevância dos órgãos executores da Pró-reitoria de Cultura – o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), o Cine-Theatro Central e o Coral Universitário –, pela incorporação à UFJF, em 2011, do Centro Cultural Pró-Música e a criação, também em 2011, do Memorial da República Presidente Itamar Franco. Por outro, o peso da presença da Universidade em Juiz de Fora e região foi determinante da necessidade de ampliação e fortalecimento dos laços entre academia e sociedade.

As ações realizadas no período, tendo à frente os pró-reitores José Alberto Pinho Neves (2006 a 2012) e Gerson Esteves Guedes (a partir de 2013), contemplaram expressões variadas do campo artístico-cultural e um público também amplo e diverso. Do erudito ao popular, da produção intelectual e acadêmica a uma das tradicionais manifestações artísticas do Planeta – o circo –, a cultura, no seu sentido mais amplo, foi pauta permanente na universidade. Um dos órgãos executores da Procult, o MAMM se consolidou como um espaço vivo de realizações, somando 79 exposições que atraíram cerca de 50 mil pessoas. Destaque para mostras como *História em Quadrões – Pinturas de Mauricio de Sousa*, que respondeu por mais de 6 mil daquele volume de visitantes; os recortes das bienais de São Paulo, em 2011 e 2013; e as edições de *Juiz de Fora Verbo e Cor*, em 2013 e 2014 [ver matéria à página 4], com sua articulação entre história, artes visuais e literatura.

O setor de Arte-Educação do MAMM, desde 2006, investiu em uma aproximação que contempla atividades educativas em diversas manifestações culturais. Entre visitas mediadas, cursos, encontros de educadores e colônias de férias, o setor realizou mais de 10 mil atendimentos. Em 2013, a chegada do projeto *Coletivo Cultural*, de facilitação do acesso de crianças e jovens do ensino fundamental e médio das escolas públicas estaduais e municipais de Juiz de Fora às artes, propiciou o atendimento a 22 instituições e a mais de mil estudantes.

Voltado para a memória, o projeto *Diálogos abertos* promoveu entrevistas e depoimentos com personalidades juiz-foranas relevantes por sua contribuição à cultura, arte e política da cidade, abrangendo sua trajetória profissional e pessoal. Foram 45 depoimentos, parte deles já reunida em três volumes – *Diálogos Abertos 1, 2 e 3*, publicados pelo selo MAMM/UFJF.

A primeira obra publicada por este selo, aliás – o livro *Ismael Nery e Murilo Mendes: reflexos*, de Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Rodrigues Timponi Pereira – foi indicado ao prêmio Jabuti. Por ele saíram, entre outros, *Arlindo Daibert: fortuna crítica*, organizado por Júlio Castañon Guimarães, numa parceria entre a UFJF e a Fundação Casa de Rui Barbosa, *Euclides da Cunha: Cem Anos Sem* e *Machado de Assis Atemporal*, organizado por Darlan Lula, ambos resultados de seminários que discutiram as obras de Guimarães Rosa e Machado de Assis.

O diálogo com o acerto e a obra de Murilo Mendes, essência do museu que leva seu nome, pauta a agenda do MAMM, que no período realizou, por exemplo, o seminário *Murilo Mendes: Reflexões Avulsas*, em parceria com o Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, as exposições *O Universo Francês de Murilo Mendes*, *Via Del Consolato, 6 – Roma: Italianos na Coleção Murilo Mendes*, *Retratos de Murilo* e, em cartaz até novembro, *Coleção de Murilo Mendes no Brasil – 20 anos*.

ACESSO

Patrimônio dos mais queridos de Juiz de Fora, o Cine-Theatro Central é alvo permanente de muita atenção e zelo por parte da UFJF, que no período realizou cerca de R\$ 1 milhão em investimentos para recuperação e modernização do espaço e agora se prepara para fazer a maior intervenção no espaço com novas obras de restauro de manutenção. Além disso, com os projetos *Sérgio Lessa* e *Luz da Terra*, abriu-se à produção cultural do município oportunidade de ocupação do Central em apresentações que visam a democratizar o seu acesso aos artistas e públicos locais. Só o *Luz da Terra* levou ao Central, em 2013, ano de sua primeira edição, mais de 13 mil pessoas.

Com os novos projetos *Som de Domingo*, *Leitura no Campus* e *Palco Provisório*, iniciados em 2013, a Pró-reitoria de Cultura investiu na democratização dos espaços institucionais e em sua aproximação com a comunidade, através de iniciativas de disseminação da cultura que oferecem programação de qualidade. O *Som de Domingo* já levou mais de oito mil pessoas ao *campus* nas manhãs de domingo, para apresentações musicais representativas dos mais diversos gêneros – samba, rock, jazz, erudito, forró –, com destaque para a apresentação do célebre pianista Arthur Moreira Lima, em dezembro de 2013, para mais de duas mil pessoas que se reuniram na Praça Cívica. O *Leitura no Campus*, por sua vez, tem apresentado o mundo fantástico da literatura para crianças e jovens e tornou-se evento aguardado por famílias inteiras, unidas no prazer da leitura. Por fim, o *Palco Provisório* tem levado a música a ambientes e momentos inesperados, como hospitais e agências bancárias, proporcionando instantes de alegria e beleza a seu público.

VISÃO

Incorporado à UFJF em 2011, o Centro Cultural Pró-Música veio somar à universidade seus mais de 40 anos de dedicação à promoção da cultura, ao ensino de música e à divulgação da música colonial brasileira e da música antiga, com seu tradicional festival. “A incorporação do Pró-Música, a criação do Memorial Itamar Franco, a política de ocupação do Cine-Theatro Central e a estruturação do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) foram ações de vital importância para a cultura de nossa cidade e do nosso país. Todas elas gestadas e estruturadas na recém-criada Pró-Reitoria de Cultura da UFJF. Isso demonstra o acerto e a importância desta ideia visionária, surgida na administração do professor Henrique Duque, de institucionalizar a Pró-Reitoria de Cultura da UFJF”, ressaltam Maria Isabel e Júlio César de Sousa Santos. Segundo eles, a Procult imprimiu uma identidade e uma filosofia às ações culturais da universidade.

Para Douglas Fasolato, diretor-superintendente da Fundação Museu Mariano Procópio – uma das principais parceiras da Procult –, a decisão de criar a Pró-reitoria confirma a vocação de Juiz de Fora para a cultura, que vem desde o passado do município. E as ações desenvolvidas demonstram, segundo ele, que a política cultural não está isolada no âmbito da universidade, na medida em que parcerias permitem a difusão da cultura no restante da sociedade.

Consolidada e reconhecida pela repercussão de suas ações, a cultura na UFJF transformou a própria universidade e sua relação com a comunidade como um todo. O *campus* se abriu à diversidade das manifestações culturais e se tornou cenário de encontro – de gerações, gêneros, classes, de toda a pluralidade da sociedade –, proporcionando ricas experiências coletivas de sensibilidade, conhecimento e beleza. Intensificaram-se as iniciativas de promoção da acessibilidade através de formação de público e fortaleceram-se os laços com os demais centros gestores da cultura no município. Hoje, a cultura na UFJF é um diferencial da instituição.

AGENDA

UFJF | PROCULT

Rua José Lourenço Kelmer, s/n
Campus Universitário
(32) 2102-3965
www.ufjf.br/procult

SOM DE DOMINGO

31, 10h Estação Blues
Praça Cívica da UFJF

EXPOSIÇÃO

Navegantes – fotografias de
Renato Miranda
Saguão da Reitoria
Abertura dia 20, às 19h30

MAMM MUSEU DE ARTE MURILO MENDES

Rua Benjamin Constant, 790
(32) 3229-9070

www.museudeartemurilomendes.com.br
Terça a sexta: 9h às 18h
Sábados e domingos: 13h às 18h

EXPOSIÇÕES

Juiz de Fora Verbo e Cor - Do
Século XX aos dias atuais
Galeria Retratos-Relâmpago
Abertura dia 06, às 19h30

Janelas, de Mário Azevedo
Galeria Poliedro
Abertura dia 15, 20h

Coleção de Murilo Mendes no
Brasil – 20 anos
Galeria Convergência
Até 16 de novembro

LANÇAMENTOS DE LIVROS

29, 19h *Mistério em Vancouver*,
Carolina Monteiro de Moraes

MUSICAMAMM

28, 20h Rogério Caetano (violão
de 7 cordas); participação especial
de Eduardo Neves (flauta)

PRÓ-MÚSICA

Av. Barão do Rio Branco, 2.329
(32) 3216-4787
www.promusica.org.br

TERÇAS MUSICAIS

19, 20h Daniela Aragão canta
Francis Hime e Geraldo Carneiro
Teatro Pró-Música/UFJF

MÚSICA NAS IGREJAS

24, 20h Coral Pró-Música/UFJF
(Regente: Guilherme Oliveira)
Igreja São Pio X, no Bairro
Ipiranga

CLASSICOS PRÓ-MÚSICA

27, 20h Katia
Balloussier (piano) e Manuel
Mijares (contrabaixo)
Teatro Pró-Música/UFJF

EXPOSIÇÃO

11, 19h Abertura da
exposição *Contracenando II*, de
Marie-Ange Giaquinto.
Galeria Renato de Almeida, do
Centro Cultural Pró-Música/UFJF
Até 31 de agosto

FORUM DA CULTURA

R. Santo Antônio, 1112
(32) 3215-3850
De segunda a sexta-feira, das
14h às 18h

EXPOSIÇÃO

Agosto mês do Folclore
Museu do Folclore
De 5 a 29 de agosto

TEATRO

Ciranda de Luta
De 22 a 24 de agosto, às 20h30

COLEÇÃO MURILO MENDES O POETA DAS ARTES

Há 20 anos, em 28 de agosto de 1994, era inaugurada a exposição do então Centro de Estudos Murilo Mendes, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que apresentava pela primeira vez ao público a coleção do poeta que ganhou o mundo pela capacidade de colocar no curto espaço do verso o temporal e o eterno, o contingente e o necessário. Para celebrar o valor desse legado – do qual pouquíssimas instituições culturais no Brasil possuem equivalentes em termos de artistas e movimentos nele compreendidos –, o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) realiza, até 16 de novembro, a mostra *Coleção Murilo Mendes no Brasil: 20 anos*.

A exposição retoma as montagens e recortes mais emblemáticos realizados por diversas curadorias ao longo dessas duas décadas, ressaltando, sobretudo, a capacidade quase ilimitada de leituras e conexões possíveis entre o acervo, a obra poética e a biografia de Murilo e o universo das artes em sentido amplo. Com 200 peças, a coleção reúne vertentes heterogêneas da arte moderna brasileira e internacional. A longa lista de artistas que a compõe – considerado o maior ingresso de arte internacional no país (até então) desde as doações de Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi – só não chama mais atenção pelos números do que pela importância desses nomes para história recente do Modernismo.

A mostra é formada por 59 peças. Na porção brasileira, o visitante pode encontrar trabalhos de Candido Portinari, Oswaldo Goeldi, Fayga Ostrower, Alberto Guinard, Livio Abramo, Flávio de Carvalho, entre outros. Há também os recortes do abstracionismo italiano de Alberto Mangnelli, Piero Dorazio e Giuseppe Capogrossi; do surrealismo de Max Ernst, Ismael Nery e Giorgio De Chirico; e do experimentalismo da *optical art* de Gaston Biggi, Victor Vasareli e Almir Mavignier. Há o modernismo oriental de artistas como Nobuya Abe e Shu Takahashi e trabalhos do casal Vieira da Silva e Arpad Szenes. A mostra guarda ainda peças como uma cerâmica feita por Pablo Picasso, com a qual Murilo foi presenteado pelo artista, e um cartão de natal de autoria Joan Miró destinado ao poeta.

O reconhecimento deste legado pode ser comprovado pela quantidade de vezes em que o MAMM emprestou algumas de suas obras a proeminentes instituições de arte do Brasil e da Europa. Fundação Bienal de São Paulo, Instituto Valenciano de Arte Moderna (Espanha), Masp, Museu Nacional de Belas Artes e Museu Lasar Segall, apenas para citar algumas.

INTERAÇÃO

Sem deixar de ignorar o valor intrínseco do acervo, tanto em termos estéticos quanto históricos, é a interação dele com o acervo bibliográfico – formado pela biblioteca pessoal do poeta, com seus livros de consulta, preenchidos por anotações e marginálias – que revela a complexidade da visão artística de Murilo Mendes. O poeta nunca escondeu seu grande interesse pelas demais artes. Os episódios da fuga do colégio para assistir ao espetáculo do bailarino Nijinski, e a visão de Mozart, vestido de casaca azul, na

porta de seu quarto no Rio de Janeiro, assim como a função que exerceu de crítico de arte situam Murilo Mendes não como um homem de letras, mas de fato como um homem das artes.

Notadamente, o caráter sinestésico de sua produção é ressaltado pela crítica. José Guilherme Merquior afirma que Murilo Mendes pertence à categoria dos poetas de cultura. A expressão não é apenas em referência à sua erudição, sempre explícita nas torrentes de nomes, fatos e conceitos que evoca, mas, sobretudo, pela temática da arte ser o pano de fundo de seu trabalho. Em tudo, Murilo parece querer atingir a universalidade, o ponto no qual todas as coisas convergem. Justamente é a arte este meio de ascense, de elevação das coisas e de si mesmo. “O espírito da poesia me arrebatou/Para a região sem forma onde passo longo tempo imóvel/ Num silêncio antes da criação das coisas... – e depois encerra – Não sou Deus porque parto para Ele/Sou um deus porque partem para mim, Somos todos deuses porque partimos para um fim único.”

Num texto para o catálogo da exposição de 1987, Luciana Stegagno Picchio, comentando a zona fraterna de convívio que escritores e pintores encontravam na casa de Murilo Mendes e Maria da Saudade, afirma: “... O que fascina o poeta é a dupla qualidade do pintor, o seu trabalhar com o cérebro e com as mãos, o ser juntamente artista e artesão, inventor e executor. O pintor é muito mais livre que poeta. Sua linguagem, sua forma de expressão é muito mais universal. Não há as barreiras linguísticas e culturais que separam os homens de palavra e de pena de vários países. Por seu lado, o pintor é fascinado pela capacidade do poeta de construir imagens e realidades, natureza e sonho, só com palavras.”

Se, na pintura, os homens estão unidos pelos sentidos, no caso da poesia, todas as coisas estão unidas pelo Verbo. Se, por um lado, a linguagem não tem a facilidade da veiculação material – sensitiva e afetiva – da cor na tela ou do som na música, por outro, ela prescinde de uma forma estanque e, portanto, pode imitar, absorver, espelhar, a forma das outras artes. Pode muito bem reproduzir o bailado de Nijinski ou um movimento da sinfonia de Mozart.

O aparente abismo entre pintura e poesia revela, na verdade, uma analogia. Em Murilo Mendes, pintura e todas as demais artes são a matéria da qual a poesia é a forma. É isso o que justifica o intercâmbio das artes. Essa é base da poesia de cultura definida por Merchior. Essa simbiose gera, de fato, um organismo vivo que é a própria pessoa do poeta.

O espírito artístico de Murilo Mendes é força plasmante que encontra, em meio a tantas circunstâncias díspares, diferentes personalidades, épocas e lugares, o fim único para o qual todos partem. Exemplo concreto dessa capacidade unificadora é a exposição que o MAMM apresenta. Mais do que uma exemplar coleção de arte, a mostra constitui, sim, antes de tudo, exemplar do que é um artista. Artista este que afirmou ser mais importante viver a poesia do que escrevê-la. Eis, então, em sua coleção, a projeção visual de sua obra escrita e vida interior.

Thauan Monteiro